

‘O espaço do negro ainda é problemático’, diz artista Maxwell Alexandre

Maxwell Alexandre abre exposição em Paris

Por Helena Celestino

17/01/2020 05h02 · Atualizado há 6 dias



“Sou um artista excelente e ponto. O espaço do negro ainda é problemático”, diz o carioca Maxwell Alexandre, de 29 anos, que terá individual no Palais de Tokyo, em Paris — Foto: Divulgação

As propostas não param de chegar para o artista carioca Maxwell Alexandre. São convites para participação de bienais ou galerias pedindo datas para exposições solo. Ele acaba de voltar da França, onde foi conversar com os curadores do Palais de Tokyo sobre a sua individual de junho, em que exhibirá a série “Novo Poder”, um olhar sobre a comunidade negra consumindo arte contemporânea.

Há poucos meses, vendeu as 13 peças exibidas no estande da Gentil Carioca na Art Basel, a mais importante feira de arte por causa dos grandes negócios fechados e da presença de poderosos colecionadores, galeristas e instituições internacionais. Maxwell também está no Museu de Arte do Rio, onde a série "Pardo É Papel" comove e entusiasma por sua poética urbana, com narrativas construídas a partir das cenas da vivência dele na cidade e na Rocinha, comunidade onde nasceu e mora. Em exposição estão grandes painéis em papel pardo com corpos negros em suas itinerâncias pela comunidade: a escola, a igreja, a laje, a casa, a rua, as piscinas Capri dos vizinhos e Danoninhos e Toddynhos que não bebeu na infância porque raramente apareciam na geladeira.

"O título da mostra surgiu com as obras. Vi que estava articulando um ato estético e um ato político porque pintei corpos negros sobre papel pardo, pensando que pardo foi usado por longo tempo para esconder a negritude. Estou subvertendo essa lógica."

Pele negra, olhos verdes, cabelos de tranças cobrindo uma grande mecha loura, Maxwell, de 29 anos, é parte da cena da arte contemporânea. Ele liga a sua ascensão no mais elitista dos mercados ao momento histórico de reparação aos negros. "Eu sei o lugar que estou ocupando, é um lugar muito exclusivo", diz, referindo-se à sua trajetória de filho de um pintor de automóveis e de uma empregada doméstica que muda seu destino ao conquistar uma bolsa da PUC para estudar design e, por meio de um professor, entrar em contato com a arte.

Fascinado, domina os códigos desse espaço novo, volta à favela, aprimora a sua poética e dá um susto no mercado com o seu trabalho ácido sobre os conflitos sociais e a dizimação da população negra. "Tenho um conteúdo que todo mundo quer ver e 'sensorizar'. Ao jogar isso para o mundo, a aprovação é unânime", diz, sem deslumbramento nem modéstia.

Ele entrou no circuito artístico ao participar de um Porta Abertas lançado pela Carpintaria, em que a única exigência era os trabalhos passarem na porta da galeria carioca. Durante seis dias Maxwell trabalhou na série "Reprovados" - já usando o papel pardo como suporte - e às seis horas da manhã entrou numa fila de 300 candidatos a artista. Com seu enorme painel debaixo do braço desrespeitando os tamanhos exigidos, causou sensação ao desdobrar no chão o trabalho em que conta a vitória contra o medo dos meninos da comunidade. Ali conquistou a sua primeira madrinha, Mary Stockler, na época uma das galeristas.

"Sempre soube que seria rico e famoso antes dos 20", diz, no seu escritório, de onde vê os outros três espaços que ocupa em dois prédios vizinhos na favela - a casa, o ateliê e o acervo de suas obras.

A sua ambição de menino não se realizou tão rápido quanto imaginava, mas em 2019 começou a virar realidade. Depois da Art Basel, seus trabalhos mais caros foram vendidos por U\$ 40 mil, com uma valorização de 400% em um ano. Suas obras já estão no acervo do Masp, da Pinacoteca, do MAM - RJ e do MAR, mas, por agora, tirou todos os seus trabalhos do mercado enquanto prepara a exposição na França, faz uma curadoria da sua obra e se organiza para dar mais um salto na carreira. "Não paro desde 2017, quando mostrei meu trabalho na Carpintaria e os galeristas começaram a ir ao meu estúdio, comprando."

Seu batismo como artista foi na galeria que o representa, a Gentil Carioca. “Fui batizado na Igreja do Reino da Arte”, diz. Não se trata de uma metáfora, a igreja existe, fica na Rocinha e abriga artistas, músicos e agregados, para longas conversas sobre arte, política e religião ou para gravações exibidas no YouTube. Todos participam também de rituais da igreja, como batismo, peregrinações com trabalhos de arte nos ombros pelas ruas da cidade - numa interação com um público diferente dos frequentadores de museus - e também grandes festas noturnas chamadas de “pecadões”.

A igreja é onde criam arte longe dos cânones do mercado. “A arte pela arte é o que a igreja trabalha, a arte como caminho para o autoconhecimento e a indignação”, diz. Já o batismo vem do cruzamento de vários elementos culturais do Rio: a água do ritual religioso, da praia, do churrasco na laje, tem um fio evangélico que se liga com a mãe, os traficantes, a reza no seu tempo de Exército, a eleição do presidente Jair Bolsonaro, o crescimento da bancada da Bíblia.

“Arte e religião têm uma relação muito próxima. O discurso de que a arte vai salvar o mundo é romântico e se perdeu. Eu acredito nele.”

“Arte e religião têm uma relação muito próxima. O discurso de que a arte vai salvar o mundo é romântico e se perdeu. Eu acredito nele.”

Foi também nesse batismo na Gentil Carioca que conquistou uma nova madrinha, Frances Reynolds, criadora e diretora do Instituto Inclusartiz, que o apoiou para fazer uma residência na Delfina em Londres e depois no Museu de Arte Contemporânea de Lyon, onde o artista carioca preparou e abriu sua primeira individual no conceituado espaço. Era também a primeira viagem internacional de Maxwell, e ele embarcou com um imenso programa arquitetado por suas duas mentoras, de visitas a museus e conversas com curadores, historiadores da arte. Para ele, foi menos uma busca por orientação e mais uma viagem estratégica

“Sou um artista excelente e ponto. O espaço do negro ainda é problemático. Como é negro e faz pintura abstrata ou fala do vazio? Isto me incomoda, mas quando passar esse ‘hype’ do negro, eu vou continuar artista e meu trabalho vai durar”, diz.